
EVOLUÇÃO DE CONCEITOS ENTRE AS DECLARAÇÕES DE SANTIAGO E DE CARACAS

Texto 4

Otília MORGADO F. JORGE

"Eu tenho uma antena parabólica na minha casa e sei tudo o que se passa na Europa, mas não sei quem mora no meu prédio, nem conheço bem a minha rua."

Anónimo, IV Jornadas MINOM 1991, in Boletim Informativo do MINOM, nº 4 , Jan. 1992.

Pensar o Museu nos nossos dias é pensar numa organização perfeitamente integrada na comunidade para a qual existe. Desta forma, o Museu não poderá encerrar-se no espaço físico do seu edifício nem centrar as suas investigações nas colecções que possui, mas alargar-se a um campo de investigação multidisciplinar relacionado com a região onde se insere. Assim, o Museu deixará de ser um mero depósito da memória e passará, a par de outras instituições, a propôr alternativas para o desenvolvimento local.

Esta maneira de sentir o Museu consubstanciou-se na declaração de Santiago do Chile, após uma reflexão conjunta acerca do "Papel dos Museus na América Latina". Na Mesa Redonda efectuada naquela cidade evidenciou-se que a resolução dos problemas dos países latino-

americanos passava através do entendimento pela comunidade dos aspectos políticos, técnicos, económicos, sociais, culturais e naturais que os envolvem. Neste campo o Museu seria, além de um espaço, um veículo para a tomada de consciência por parte da população não só da sua verdadeira situação bem como da intenção de a resolver através de uma acção participativa e dinâmica de forma a beneficiar com essa resolução.

A realização desta Mesa Redonda inseriu-se no contexto de uma tomada de consciência de que se por um lado a humanidade tinha atingido um substancial desenvolvimento científico e tecnológico, o mesmo não acontecia em termos de bem estar económico, cultural e natural. Verificou-se igualmente a existência de um notório desequilíbrio entre os países desenvolvidos e os em vias de desenvolvimento, para além de que a resolução deste desequilíbrio não se encontrava numa única ciência ou disciplina, mas sim numa "visão de conjunto e tratamento integrado dos seus vários aspectos". Dentro desta visão de conjunto o Museu, sem negar a importância e o valor dos existentes, deveria ultrapassar os seus fins tradicionais de recolha, conservação, investigação e divulgação do seu acervo, e abrir-se a um novo conceito de Museu que passaria a ter não só uma função cultural mas igualmente uma função social.

Este Museu activo e participativo teria, de acordo com a sua função social, de recorrer a saberes multidisciplinares de forma a

poder ser um veículo não só de promoção de uma maior consciencialização por parte da população da importância da salvaguarda da sua herança cultural, patrimonial e natural mas igualmente de disseminação de conhecimentos científicos e tecnológicos com a finalidade de melhorar o bem estar económico, físico, social, cultural e natural da comunidade onde está inserido. Assim o Museu deve:

1. Conjuntamente com a população que serve e para a qual existe, intensificar esforços de recuperação da sua herança cultural, patrimonial e natural;
2. Actualizar as técnicas museológicas e museográficas de forma que os objectos expostos sejam melhor compreendidos pelo público/população;
3. Utilizar técnicas que levem o Museu a aperceber-se da receptividade na comunidade das acções por si realizadas;
4. Promover a educação permanente da comunidade;
5. Estimular o desenvolvimento tecnológico baseado nas condições reais da população.

Com a declaração de Santiago, museólogos de outras regiões do globo, encontram novas perspectivas de acção bem como resposta a determinadas questões que a museologia especializada não consegue

responder. Perspectiva-se, em suma, o carácter social e globalizante da acção e função do Museu.

Vinte anos mais tarde, novo encontro se efectua na América Latina. Caracas acolherá um conjunto de pessoas interessadas em reflectir em conjunto sobre "a missão actual do Museu como um dos principais agentes de desenvolvimento integral da região", bem como em actualizar "os conceitos e renovar os compromissos estabelecidos em Santiago do Chile".

Esta actualização prende-se com as mutações que o planeta sofreu no campo ideológico, económico e ambiental ao longo destas duas décadas agudizando os problemas do globo: agravamento do fosso entre países desenvolvidos e em vias de desenvolvimento, catástrofes ambientais, má repartição dos alimentos, corrupção e violência, tráfico e consumo de drogas para além de uma preocupante inversão e perda de valores. Mutações estas, que servem para mostrar que o modelo económico utilizado com a finalidade de melhorar as condições de vida das populações dos países em vias de desenvolvimento não resultou, pelo contrário agravou; já que estes países passaram de receptores a exportadores de capital, consequência da sua crescente dívida externa, removendo capitais que poderiam ser aplicados na melhoria do nível de vida das populações ou seja no seu desenvolvimento integral. Igualmente a queda do muro de Berlim, símbolo da divisão ideológica do globo abre as portas ao "paraíso"

que parecia vir a ser o conceito de globalização. Conceito que encontra resistências em diferentes regiões do globo, já que por todos os continentes se vão afirmando as noções de nacionalismo e de regionalismo. Assiste-se ainda, no mundo urbano, a um isolamento das populações no "ghetto" que se transformou o seu apartamento, perdendo o contacto directo com a realidade envolvente, passando esta a ser quase exclusivamente aquilo que se passa na sua televisão. Perante todos estes problemas que afectam a sociedade em geral, o Museu como local privilegiado "no sentir" destas realidades deve afirmar-se como um agente principal para a sua tomada de consciência por parte das populações que serve, visando para além do seu desenvolvimento integral o da região onde se inserem. Utilizando as palavras de João Moreira (Museologia e Desenvolvimento - Jornadas sobre a Função Social do Museu - cadernos do MINOM nº 1) "O desenvolvimento local e regional não é agora visto como derivando de desenvolvimento global do país, mas sim precisamente o inverso. Na prática, uma tónica fundamental é posta na região e no local, olhados agora como os espaços privilegiados do desenvolvimento". Assim "os novos museus vão ser a expressão do novo modelo de desenvolvimento descentralizado", situando-se "na vanguarda da recuperação/reformulação estrutural do capitalismo". Além disso, o modelo económico desenvolvido na década de setenta, apoiado essencialmente no capital, foi ultrapassado ao longo da década

passada por outro recurso considerado de grande importância para o desenvolvimento das organizações; a informação. Ora, sendo o Homem possuidor, por excelência, de informação caminhamos a passos largos para uma revalorização dos recursos humanos.

Perante todas estas questões/problemas, o Museu tem de se assumir como um verdadeiro protagonista do seu tempo - a era da informação - e abrir novos caminhos de desenvolvimento assentes em aspectos considerados prioritários:

1 - A Comunicação. O Museu é o palco ideal para estabelecer esta comunicação na sua relação com os indivíduos e a comunidade. Através de uma linguagem multidisciplinar possibilita-lhes o enriquecimento, não só relativamente ao conhecimento do seu passado bem como na utilização de meios tecnológicos e científicos que contribuirão, no presente, para o seu desenvolvimento integral;

2 - O Património. Neste campo o Museu deve manifestar a sua preocupação perante o património cultural, natural e ambiental existente no seu país sublinhando a urgência da feitura de legislação para a sua preservação e salientar o papel do Estado como o garante idóneo nessa protecção sem, contudo, descurar a importância que as populações assumem na preservação do património que as envolve;

3 - A Liderança. O Museu deve assumir o seu papel de liderança "no processo de recuperação e socialização dos valores da comunidade". Para isso o Museu integral deve possuir um conhecimento pleno da realidade envolvente de forma a poder intervir de uma forma eficaz. Igualmente os Museus especializados devem assumir a sua liderança nas áreas temáticas que dominam. O objectivo será formar uma consciência crítica respectivamente na comunidade e no público;

4 - A Gestão. A Gestão do Museu deve estar ligada à sua função na comunidade. Função esta que será elaborada após ter sido feito um diagnóstico do ambiente externo. Esta função manifestar-se-à num programa de acções/intervenções a curto, médio e longo prazo. O sucesso desta gestão está relacionado com a capacidade de se conseguir responder às solicitações do ambiente externo; de um óptimo aproveitamento dos recursos financeiros, técnicos e humanos; e da existência de boas relações com o poder e outras organizações;

5 - Os Recursos Humanos. Uma das novas atitudes de uma boa gestão do Museu será a de dar ênfase aos recursos humanos, já que são estes os possuidores da criatividade e do conhecimento, noções tão caras a quem faz depender o verdadeiro sucesso de uma organização do seu recurso informação. Assim o Museu, terá de propôr formação ao seu pessoal, orientada não só na valorização deste

recurso bem como na importância da multidisciplinaridade para se conseguir ter uma acertada forma de comunicação com a comunidade para quem as suas acções existem.

Em suma, pretende-se que o Museu seja cada vez mais o utensílio e não o fim da acção museal, que passará a pertencer à informação. Só assim o Museu será um verdadeiro protagonista do seu tempo; valoriza o seu papel na sociedade e assume-se como um dos principais agentes para o desenvolvimento integral do Homem.